



ESCREVO-ME

Vitor Pluceno Behnk*

Deito meu corpo sobre a cama
Sinto o peso de cada parte de mim sobre o colchão

Levanto-me;

Rodeio-me de pontos e vírgulas entre teses;
Sinto o peso de cada parte de mim, sobre mim.

Já não há mais o que temer;

A percepção da passagem do tempo me permite
refletir
Sobre a existência, epítome cartesiana

Temo algo de que nem sei o que há de se temer;

Quando penso, sinto que logo inexistio
Penso e deixo de existir - infusão na água escaldante da
ansiedade.

Puro suco da jovialidade;

Arde. Ando pela casa, os afazeres a perseguir
A folha que morre de sede, a fruta esquecida
esperando apodrecer

O suco do caos;

A temporalidade que é opressora. Desnorteadora.
Levanto-me; escrevo-me. Deixo fluir a existência

Minha mente é minha essência?

Pois, se no contínuo do pensamento-escrita-
pensamento
Reside meu eu, existente, agora-momento-escrita-eu

Escrevo. Existo-me. Existo o quê?

Sou a sombra do meu pai, que me deixou no mês de
Agosto
Setembros nunca floriram mais do mesmo jeito.

Desgosto. Existo-me eu mesmo?

Escrevo, logo eternizo-me. Quando penso,
Me escaldo nas águas impuras de se banhar.

Morrer é se semear no terreno da memória.

* Vitor escreve poemas desde que se entende por gente. É a linguagem que ele usa para expressar suas vivências, lembranças e emoções. Atualmente, ele é mestrando no programa de Inglês: Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisa sobre escrita, feedback e tecnologias para educação. Contato: vitorbehnk@gmail.com.

